



Projetos e Imaginários Oitocentistas em Disputa Pelos “Caminhos que Correm”: O Rio São Francisco.

Euripedes A. Funes¹

BOOK REVIEW

Oliveria, Gabriel Pereira de. *A Corrida Pelo Rio: projetos de canais para o rio São Francisco e disputas territoriais no Império brasileiro (1846-1886)*. (Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2019)

Os debates contemporâneos sobre a transposição das águas do São Francisco, como forma de amenizar as agruras das secas nos sertões nordestinos, trouxeram à tona: o significado e as razões deste projeto; os vários desenhos sobre os canais que levariam as águas para outros rios não perenes; os impactos ambientais e o possível definhamento daquele. O desejo pela veia artéria deste rio “santo” não é deste tempo presente; é de outra contemporaneidade.

¹ Doutor em História (Universidade de São Paulo). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-69641584>, e-mail: eufunes@terra.com.br.

O presente estudo, tendo o rio como sujeito desta historicidade, consiste numa preciosa obra no campo da História Ambiental, onde a natureza não é tomada apenas como pano de fundo, mesmo quando se discute sua transformação na perspectiva de dar conta das políticas de ocupação territorial, vetor de um projeto hegemônico visando manter a unidade política de um enorme território multifacetado e com ecossistemas distintos. Ali a pedra de toque é a miragem do progresso como chave para corrigir as supostas falhas do ambiente e possibilitar o aproveitamento pleno do rio.

Neste livro, o autor nos ajuda a perceber como os empreendimentos hidráulicos ou mesmo a relação entre a sociedade e a natureza foram e podem ser diferentes. Aqui, o olhar de um historiador ambiental nos mostra os caminhos trilhados para construir outra narrativa historiográfica sobre as conexões do rio São Francisco com as sociedades sertanejas e o seu lugar na configuração desta nova nação-Brasil, onde o rio seria trunfo importante para melhorar as movimentações pelo território do Império.

A pesquisa de Gabriel Pereira encontra seu lugar no campo historiográfico que aborda o tema dos rios, "a partir de diferentes dimensões e recortes, explorando as ricas conexões ecológicas, geográficas, socioeconômicas e culturais que podem ser observadas com relação ao mundo dos rios em diferentes momentos e lugares da história do Brasil."²

O livro ora apresentado aos seus leitores, fruto do exercício de meticulosa pesquisa aliada aos adequados veios teórico-metodológicos, nos convida a ler o Rio São Francisco como cerne dos projetos arquitetados para o Brasil, na segunda metade do século XIX. O combate às secas, embora problematizado, não esteve na pauta central dos desenhos de então, sendo uma necessária unidade nacional, a chave por onde fluíam as distintas elaborações sobre os caminhos do Rio; sendo a este atribuída uma vocação natural de integração. Adotando o progresso como modulador central dos projetos em curso, o desenho molda os desígnios de então: integração inter-regional, viabilidade física e econômica de navegação regular, em escala comercial,

² Pádua, José Augusto e Chambouleyron, Rafael. Movimentos dos Rios / movimentos da História. In Revista Brasileira de História, vol. 39I, nº 81, São Paulo: ANPUH, mai/ago 2019, p. 20.

entre os sertões ermos do Norte, o litoral e, em especial, o centro hegemônico do Império. Os testemunhos documentais, ao lado de outros esforços da época, podem ser entendidos como vetores de conquista, em seu duplo papel: decodificar os segredos deste caminho fluvial e seus sertões, e ampliar o alcance da civilidade e controle das gentes sertanejas.

O presente estudo se inscreve no campo da História Ambiental e destrinça seus argumentos com rigor metodológico de forma a superar leituras superficiais das “relações do homem com a água” e de sua importância, neste caso o rio, para a sociedade.³ Neste sentido, o diálogo com a cartografia é condição à perspectiva de análise do historiador ambiental pois possibilita uma adequada aproximação do meio físico, sem perder de vista a observação sobre as relações Homem e Natureza, situadas no espaço e no tempo históricos.

Entre diversas projeções de canais para a apropriação e usos de suas águas, o rio vai sendo esquadrihado. Uma guerra de imagens cartográficas se estabelece. Representações dos caminhos desejados, imaginários de canais que esmolam as águas do rio; mapas foram tomados como argumentos. Cada Província tem seu mapa, traçado pelas linhas das régua e compassos, planilhas de custos, projetos. Verdadeiro palimpsesto revelador das projeções de canais, onde engenheiros deslindavam o rio projetando outras margens. Uma corrida entre as províncias do Norte para ver quem tocava primeiro no corpo do rio. O Ceará estava nesta disputa. Sua proposta era a de que as águas do São Francisco, através de um canal, saindo de Cabrobó-PE, recuperasse seu leito original por onde há milhões de anos passara, alimentando o Jaguaribe, tornando-o perene e navegável, chegando ao litoral cearense.

“Endireitar o rio”, criar outras margens, superar com ferrovias obstáculos naturais ligando este aos portos oceânicos. De 1846 a 1886, esse tema foi objeto de debates intensos no Império brasileiro, marcados mais explicitamente pela demanda peculiar de modernização dos sistemas de transporte. No ano de 1846, após a seca iniciada em 1844, os parlamentares, França Leite e Marcos Antônio de Macedo, propuseram formalmente a abertura de um canal conectando o São Francisco com o rio Jaguaribe. Em 1886, após a grande seca de 1877/1879, foi publicado o plano de um

³ Arruda, Gilmar. História Del Rio: História Ambiental. In Signos Históricos. México: UNAM, No. 8, vol 16, jul/dez, 2006, p. 44.

canal entre o São Francisco e o Jaguaribe, elaborado pelo engenheiro Tristão Franklin de Alencar Lima, para servir como caminho navegável e como meio de irrigação.

Uma área fora dos circuitos cafeicultor e açucareiro, que não dependiam deste rio, talvez seja a maior dificuldade em animar financistas a embarcarem em uma “sociedade anônima” de navegação pelo São Francisco, semelhante ao ocorrido com a Companhia de Navegação do Araguaia, também no século XIX, que buscava estimular o comércio entre o sertão goiano e a capital da Província do Pará. Junto com esta dificuldade, as disputas políticas locais fazem adormecer, por mais de um século, aquele projeto hidráulico. Assim, a modernização e a integração do sertão, doravante, se expressavam na construção de ferrovias e açudes.

Não se busca, neste livro, os supostos primórdios da atual transposição do São Francisco; no entanto, sua leitura é instigante e esclarecedora para se compreender particularidades tecidas em outras épocas e lugares, o modo como as motivações desse tipo de projeção estiveram e estão longe de ser simples “caminhos naturais”, e como vêm transformando-se no decorrer do tempo e em diferentes espaços, numa trama a envolver natureza e poder, na disputa por um “caminho que caminha”.

REFERENCIAS

Arruda, Gilmar – História Del Rio: História Ambiental. In Signos Históricos. México: UNAM, No. 8, vol 16, jul/dez, 2006, p. 16-44.

Pádua, José Augusto e Chambouleyron, Rafael. Movimentos dos Rios / movimentos da História. In Revista Brasileira de História, vol. 39l, nº 81, São Paulo: ANPUH, mai/ago 2019. p. 15-24.